

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

105)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MAIO 4, 1839)



MARQUEZ DE POMBAL.

O MARQUEZ DE POMBAL.

ABALANÇAR-SE qualquer a escrever a biographia de um homem celebre — que regeu uma monarchia — que teve muitos inimigos, e de muita gente foi oppressor, quando, a bem dizer, as cinzas desse homem, e as das suas victimas, ainda não as confundiram e pacificaram os seculos, parece demasiada ousadia. Não o negamos; mas uma consideração nos moveu a tractar tão delicada materia. Quanto mais annos forem decorrendo, mais a verdade se irá transfigurando e as memorias perdendo. Comprou o marquez de Pombal elogios em muitas linguas; a imprensa portugueza quasi que só tem trazido a lume os seus louvores. Accusações contra elle, levantaram-as os jesuitas e varias outras pessoas d'elle queixosas; mas estas accusações eram exaggeradas, e saindo das bo-

cas de inimigos, o mundo não as accreditou. Assim, a sua gloria parece ir-se cada vez firmando mais solidamente. Não seremos nós quem lh'a refuse; mas queremos que esta gloria nos não deslumbre; que esse vulto gigante se veja á sua verdadeira luz. Nenhum respeito humano nos movem a diminuir o bom nome do ministro de D. José 1.^o; nenhuma consideração a exalta-lo. Colligiremos as noticias que temos por mais bem fundadas, e as explicações mais naturaes dos actos da sua vida publica: de uma e outra cousa tiraremos argumento para o julgar. Este nos parece que é o mister de fiel historiador.

Gostava o marquez de Pombal de se comparar a Sully; e a este virtuoso ministro o assemelhavam com effeito os seus panegyristas. Não pomos tão alto a risca; porque muitos actos do marquez foram mais fructo de odios pessoas que de desejo de

promover o bem publico. Houve tambem quem o comparasse a Rechilieu, a Mazarino, a Fouquet: melhores nos parecem estes parallellos; porém será qual-quer delles um elogio? Se-lo-ha; mas, pelo menos, muito eivado de manchas. Certo que esses homens foram grandes: mas violentos, tyrannicos, e immo- raes. Conta-se que elrei D. João 5.^o costumava ap- plicar ao marquez [então apenas Sebastião José de Carvalho] a expressão porque o povo designa um ho- mem cruel e feroz — *tem cabellos no coração* — Se a anecdotas é exacta, cremos que D. João 5.^o era ha- bil em descortinar as propensões dos homens. Se não nos enganamos, foi a ferocidade de animo, e o genio vingativo o toque principal do character desse homem, a que poderemos chamar extraordinario; mas, por- ventura, não verdadeiramente grande.

Sebastião José de Carvalho e Mello nasceu em

Lisboa a 13 de Maio de 1699. Seu pae Manuel Car- valho de Ataíde era capitão de cavallaria, e descen- dente de uma familia, ainda que não da primeira nobresa, bastantemente illustre. Todavia os inimigos do marquez de Pombal lhe lançaram em rosto o ser de geração humilde. Accusação ridicula foi esta, e só vergonhosa para os que lh'a fizeram: porque, em- bora elle fosse filho do homem mais vil do mundo, isso não lhe embargava ser um genio, e um habil mi- nistro.

Depois de frequentar a universidade, Carvalho serviu na milicia: mas, ou porque não tivesse incli- nação para as armas, ou, como outros querem, por- que não lhe deram o posto que julgava competir-lhe, abandonou aquella carreira. O periodo que decorreu desde esta epocha da sua vida, até ser nomeado en- viado extraordinario á corte de Londres, é pouco

conhecido, ou pouco importante. Depois de sair do serviço militar, casou, tendo de idade 34 annos, com D. Theresa de Noronha, sobrinha do conde dos Arcos, a qual, sem lhe deixar successão, falleceu dentro de cinco annos. Tambem neste tempo foi eleito membro da academia de historia, e encarregado de escrever as memorias de D. Pedro 1.^o e de D. Fernando 1.^o; mas os seus trabalhos litterarios, que nós sabemos, se reduziram a duas cartas e dois discursos, que vem mencionados na Bibliotheca Lusitana.

A repentina nomeação de Carvalho para uma commissão de tanta importancia, como a de ministro em Londres, espantou todos. Dizem que elle alcançara esta enviatura por protecção do cardeal da Mota, que então privava com elrei D. João 5.^o Os seus inimigos o accusam de que commettera toda a casta de vileza para o alcançar: os seus apologistas asseveram que semelhante despacho fora devido a conhecerem-lhe o talento. Uma e outra cousa nos parece pouco provavel, sobre tudo a segunda; porque, como diz D. Luiz da Cunha, não era o cardeal da Mota grande conhecedor, ou aproveitador de talentos. Se valessem conjecturas, diriamos que o deveu á protecção da rainha, a qual, segundo as Memorias de Amador Patricio, foi muito sua afeição, e depois, tendo activamente, mas debalde, tentado fazer-se secretario d'estado d'elrei seu marido, alcançou para elle este logar, logo que começou a reinar seu filho D. José.

Depois da embaixada de Inglaterra, foi Sebastião José de Carvalho mandado, tambem como embaixador, á côrte de Vienna. Tinham-se alevantado dissensões entre a casa de Austria e o papa, então Bento 14.^o, por causa da extincção do patriarchado de Aquileia. — Recorreu o papa á côrte de Portugal para ser medianeira nestas differenças. Era difficiloso o empenho, e Carvalho foi escolhido para levar a cabo este negocio. Ministro em Vienna, com tal sagacidade se houve que alcançou a desejada reconciliação. Lá residia quando morreu sua primeira mulher: então tentou casar com uma das mais nobres damas de Vienna, D. Leonor Ernestina d'Aun, filha do conde d'Aun: achando difficuldade em vencer o orgulho desta familia, saiu com seu intento por protecção da rainha de Portugal, a quem elle talvez pertendia agradar, casando com uma senhora alemaã; porque não cremos que houvesse nunca um sentimento amoroso no coração de ferro deste homem terrivel.

Pouco tempo depois deste casamento, Carvalho voltou a Lisboa. Governava então o reino D. Gaspar da Encarnação, conego regular de S. Agostinho, que tudo podia com D. João 5.^o — Ignorante nas sciencias politicas, quanto o podia ser, tinha bastante probidade para não roubar o estado; mas protegendo todos os seus parentes e apaniguados, punha os maiores cargos da nação em mãos indignas, e deixava a administração publica ir na maior confusão e desordem possiveis. D. João 5.^o entregue, depois das dissoluções da sua mocidade, á vida de beato, só tractava com o seu valido de practicas religiosas e de questões fradescas, e o reino cada vez ia em maior decadencia. Foi nesta epocha que chegou Sebastião José de Carvalho, e ou porque não agradasse a D. Gaspar, ou porque fallasse com demasiada liberdade do estado dos negocios publicos, ficou esquecido, até que, por morte de D. João 5.^o, subiu ao throno em 1750 o principe D. José.

O auctor francez [se o foi] do livro intitulado *Administração do Marquez de Pombal*, diz que no primeiro mez do reinado de D. José, Carvalho esteve no desagrado real, em virtude de enredos de corte-

sãos, e que só depois conheceu elrei o seu merito, e o chamou para ministro dos negocios estrangeiros.

Esta nomeação, parece ter sido o resultado que Carvalho calculou de longe, casando com uma senhora da casa alemaã d'Aun: porque á protecção da rainha viuva deveu elle a sua entrada no ministerio, posto que muita gente attribua este successo á influencia do P. Moreira, confessor do moço rei.

Foi então que Carvalho começou a ganhar no animo de D. José aquella preponderancia, que soube conservar até o fim do reinado deste monarcha: o modo porque a alcançou aponta-o o abbade Mably no seu tractado do estudo da politica "— Elle [o marquez de Pombal] tinha-se introduzido no conselho de um principe que a todos achava razão, e que sempre seguia o parecer do ultimo a quem ouvia. Viu que cada ministro privava momentaneamente com elrei. Tal situação era de fazer desanimar um homem habil, cuja nascente fortuna espantava a côrte, conhecendo elle a propria superioridade, e receando que lhe percebessem a ambição. Posto que cansado da nenhuma importancia que tinha, não buscou o valimento, nem ter conferencias secretas com elrei. Nenhuma arte, manha, ou fraude empregou para deitar a perder os seus emulos, que, em enredos, não seriam menos habeis que elle: mas a cada providencia errada que os seus collegas propunham, o que acontecia sempre, mostrava os inconvenientes della; e depois de prophetisar o que d'ahi se seguiria, callava-se modestamente. A principio não faziam muito caso dos seus conselhos; mas elle teve a paciencia de não mudar de methodo; e vindo os acontecimentos justificar sempre as suas censuras, reconheceram os outros ministros a superioridade deste, e mostraram-se menos atrevidos e resolutos nos seus projectos. Elrei saiu tambem da sua perpetua irresolução, que o incommodava: persuadiu-se de que Deus lhe mandára um propheta para reger os negocios publicos, e depois de ter accreditado em todos, ficou só crendo no ministro, que depois foi o marquez de Pombal."

Senhor do animo do monarcha, o novo ministro empregou todos os seus cuidados em restabelecer os differentes ramos de administração publica, que estavam na espantosa desordem, que pinta o celebre D. Luiz da Cunha na sua carta a D. José, quando principe. O auctor das Memorias do Marquez de Pombal, apesar de as escrever com todo o fel do odio, confessa que os principios da sua administração foram brilhantes, e que á sua voz como que resurgiram do sepulchro, a navegação, o commercio, a industria, a agricultura, e a boa administração da fazenda.

Seria necessario fazer a resenha de todas as leis e providencias dos primeiros quatro annos do reinado de D. José para que o leitor podesse por si proprio avaliar os bons ou máus serviços que o ministro Carvalho fez á sua patria; mas uma biographia de jornal não comporta tantas miudezas, que, além disso, converteriam este artigo em uma historia do reinado de D. José, impropria, e até impossivel neste logar: mencionaremos, todavia, algumas medidas mais notaveis, das que o ministro tomou para fazer os melhoramentos, por elle promovidos, segundo o proprio testemunho dos seus inimigos.

A primeira foi a que prohibiu a exportação do numerario, lei esta que os inglezes illudiram, apesar da habilidade do ministro, que talvez não se julgou ainda bastante poderoso para castigar os culpados, e fazer-se respeitar. Foi a segunda diminuir o poder da inquisição; a-terceira reunir á corôa muitos prazos que della andavam indevidamente separados. Seguiram-se a estas a organização do exercito, a po-

voação das colonias, e a formação de uma companhia das Indias, e outra do Brasil com o titulo de Companhia do Grão Pará e Maranhão.

Antes de passar adiante cumpre aqui apontar a que nos parece ser a causa principal da lucta que se ergueu entre os jesuitas e o ministro de D. José; lucta de morte, que terminou com a queda daquelle sociedade, que chegára a ser quasi dominadora da Europa.

Tinha-se assignado um tractado de troca entre Portugal e Hespanha, pelo qual a colonia portugueza do Sacramento ficava pertencendo a Hespanha, e o Paraguay, provincia sujeita, de nome, á corôa hespanhola passava a ser apanagio de Portugal: esta negociação, começada em tempo de D. João 5.^o, foi concluida em tempo de D. José: mas, ao cumprir-se, a colonia do Sacramento, e os selvagens do Paraguay desobedeceram, porque só reconheciam auctoridade nos jesuitas das missões: daqui resultaram guerras, e vexames contra aquelles povos, cuja vontade parece devia ter sido respeitada: expulsos e perseguidos os jesuitas por Francisco Xavier de Mendonça, capitão general naquellas partes, e irmão do ministro, guerrearam abertamente este; mas Carvalho foi mais habil; e na lucta começada perderam elles a primeira batalha, sendo despedidos do paço, onde até então tinham tido grande influencia.

Remontando, pois, á origem da questão vê-se que nella a justiça universal estava da parte dos jesuitas: senhores escolhidos livremente pelos selvagens, que com a sujeição lhes pagavam os beneficios recebidos, elles eram mais legitimos, por certo, que os reis de Portugal e de Hespanha, os quaes naquellas partes nenhum outro direito tinham, senão o de conquista.

Este modo de considerar os negocios das missões do Paraguay e Uruguay nos parece o mais claro e razoavel, e melhor que todos os meios indirectos com que, em um sem numero de livros e folhetos, os frades da companhia procuraram provar sua innocencia. Politicos de má fé, os jesuitas mostraram nisto, como em tudo o mais, que o eram: podendo apresentar-se francamente como possuidores daquellas regiões por um direito o mais nobre e philosophico, o de civilisadores, quizeram antes passar aos olhos do vulgo por intrigantes, e por miseraveis conspiradores e rebeldes, descredito de que não os livrou nada do que escreveram.

Foi depois dos successos do Paraguay que se estabeleceu a companhia exclusiva do Grão Pará e Maranhão. Esta companhia favorecida com privilegios extraordinarios, e formada com mui diminuto numero de socios, desagradou aos commerciantes, que requereram contra ella, por via da corporação que os representava — a mesa do bem commum dos mercadores. O resultado dessa tentativa [em que alguns querem entrassem insinuações de jesuitas] foi a dissolução da dicta mesa e a criação posterior da juncta do commercio, que durou perto de um seculo. Além disso varias pessoas foram desterradas para Mazagão, e outras mandadas sair de Lisboa; porque o ministro parece que já tinha resolvido empregar, como meio principal da sua administração, o systema do terror.

Tinha chegado o fim do anno de 1755 no meio destes successos, quando o fatal terremoto do 1.^o de Novembro veio mostrar em toda a sua luz o genio immenso e tenaz de Carvalho. A cidade de Lisboa ficára reduzida a um montão de ruinas, as familias dispersas, os capitaes sumidos nas entranhas da terra, e não se viam senão orphãos e viúvas. Homens corruptos, aproveitando-se da geral assolção e desmaio, commettiam toda a casta de roubos, violen-

cias, e assassínios para se apossarem de alguma riqueza que a terra não tinha engolido, ou o incendio devorado. Nunca podéra vir mais a ponto o systema de terror do ministro: elle o empregou: o livro que por ali vulgarmente se encontra com o titulo de Providencias sobre o terremoto, posto que seja um livro de sangue, é um monumento que plenamente nos faz conceber qual era o vigor d'alma do marquez de Pombal, que não soffreu quebra á vista de tão espantoso phenomeno.

Conta-se que, no meio da ruina geral dos edificios, escapara a casa de Sebastião José de Carvalho, e que fallando elrei D. José acerca disso com o conde d'Obidos, quizera tirar d'abi argumento para provar que Deus protegia o seu ministro, ao que o conde acudira, dizendo: *certo é, senhor: mas equal protecção tiveram as moradoras da rua suja.* Este dicto querem alguns que fosse o motivo da dura e longa prisão do conde, todavia é claro que taes palavras não eram senão uma declaração da má vontade que o conde tinha ao ministro, e que a verdadeira causa da sua desgraça foi esse odio, que por certo elle não revelaria só com este epigramma.

Diz-se, tambem, que passado o terremoto perguntára elrei a Sebastião José de Carvalho o que se havia de fazer, a que elle immediatamente dera aquella celebre resposta: "senhor — enterrar os mortos, e cuidar dos vivos." Esta resposta, em verdade sublime no meio do descorçoamento geral, não foi do ministro, mas sim do illustre general Pedro d'Almeida marquez de Alorna, a quem elrei fez a pergunta, e que respondeu: *sepultar os mortos, cuidar dos vivos, e fechar os portos:* dicto que o ministro celebrou muito, mandando, todavia, logo o general para Setubal, [donde não tornou a voltar] provavelmente porque elle não queria juncto d'elrei fidalgos que soubessem dizer cousas destas.

Já no mez de Fevereiro de 1756 se começava a tractar da reedificação da cidade, que devia ser construida com solidez, e afformo-eada. Eram necessarias, além disso, sommas immensas para a construção dos edificios publicos, e com esse intento o ministro poz um tributo de 4 por centro sobre todas as mercadorias estrangeiras. Este novo imposto ia principalmente ferir os interesses da Inglaterra, cujos negociantes tendo grossissimo tracto em Portugal, vinham a padecer notavel prejuizo. Castres, ministro inglez em Lisboa, mostrou admiração e descontentamento, e passou a fazer grandes queixas, invocando os tractados existentes, no que o imitaram os enviados das outras potencias. Todas as tentativas, porém, foram inuteis: o ministro de D. José se contentou com responder em termos vagos, que um objecto tão relevante tinha sido bem considerado por S. M. antes de sobre elle tomar resolução; e com isto os despediu.

Outro acontecimento veio augmentar o desgosto dos inglezes. Tendo sido consumidas pelo incendio, pelas ruinas e pela inundação as mercadorias estrangeiras, e faltando, por esse motivo, os pannos e telas d'Inglaterra, d'Hollanda, e de França, muitos habitantes de Lisboa, faltos de vestuario para o inverno, valeram-se do panno da terra, como saragoças e brises. O proprio monarcha quiz dar aos seus subditos um exemplo de moderação, e não desdenhou de vestir-se de saragoça, apesar do pouco preço desta fazenda. O exemplo do principe moveu facilmente os nobres a fazerem o mesmo, d'onde veio ganharem em pouco tempo os mercadores portuguezes mais de um milhão de cruzados, que, se isso não fosse, teriam passado para mãos de estranhos. A resolução do soberano, inspirada pelo pródigo ministro, de pro-

ver-se com os generos do paiz, não se deixando levar da preocupação de que é mais fastoso gastar mercadorias estrangeiras, só porque o são, mereceu geral applauso do povo, o que prova quão raro antes daquella epocha era semelhante procedimento nos reis e grandes.

A unica pessoa que porventura tirou vantagem do terremoto, em vez de com elle padecer damno, foi Sebastião José de Carvalho, que desinvolvendo nesta occasião todos os recursos do seu grande engenho e toda a energia do seu character, soube não só merecer a estimação publica; mas tambem crescer no valimento delrei, que brevemente o nomeou primeiro ministro em lugar de Pedro da Mota, fallecido poucos mezes depois do fatal successo do 1.º de Novembro.

(Continuar-se-ha).

NOTA SOBRE A UTILIDADE DA TOUPEIRA.

OS LAVRADORES e jardineiros teem uma singular preocupação contra as toupeiras. — De todos os quadrupedes, que amamentam as suas crias, a toupeira é o unico que vive e busca o sustento nos seios interiores e escuros da terra. Fazendo as suas tócas destróe, ora aqui, ora alli, alguns objectos de trabalhosa e aprimorada cultura. Correndo pelos prados revolve alguma relva que por isso sécca; os montes de terra que alevanta oppõe um obstaculo á mão diligente do ceifeiro, com que elle se impacienta, no tempo do corte do feno. Que imperdoaveis crimes; que bastas razões para a ter na conta de inimiga, para a perseguir com infatigavel ardor, e para dar cabo della, se chega a colher-se ás mãos!

A toupeira vive nas entranhas da terra que pizamos; ella ahi pare os seus filhos e os cria. Ahi morreria, longe dos raios do sol que a iucommodam, se o homem lhe não perturbasse a sua felicidade e repouso.

Revolvendo a terra, ella exerce aquella arte que nos instrue, dando-nos uma lição, enriquece-nos, porque torna o chão mais fofo e leve. Cavando-o obedece ao instincto da propria conservação, que a põe em guerra continua com um inimigo, que assola as nossas sementeiras.

A toupeira não se alimenta com as raizes de nenhuma planta. A inspecção anatomica demonstra que ella não é frugivora. Mas é gulosa de um insecto que, durante a sua metamorphose, habita, como ella, nas escuras entranhas da terra, e, que se alimenta com as raizes das plantas. É para buscar este danoso insecto, que ella abre tócas, e faz alguns estragos.

Examinando a dentadura da toupeira, observa-se que é feita como a dos animaes carnivoros. Abrindo-lhe o estomago nunca ahi se acham vestigios de plantas, mas sim os restos do inimigo que devorou, as pelles duras e indigestas da especie de verme, em que está convertido o bizouro, durante a epocha da sua transformação.

Está evidentemente demonstrado que a toupeira é um animal digno da protecção do homem, a quem serve de grande proveito. Mas como lhe paga elle seus bons serviços? Irritado com alguns desarranjos, que o encinho brevemente comporia, jura a morte do supposto culpado, e pune-o do beneficio. Cégo de colera, o odio é todo em proveito do inimigo que devia perseguir; e protegendo-o, dá provas sobejas da sua ignorancia e preocupação.

Se a toupeira fosse melhor conhecida, não lhe armariam laços, nem se destruiria um animal que a natureza formou para nos livrar de um insecto, que, quando mais abatido, assola, com a sua voracidade,

as nossas hortas e sementeiras, e que, quando perfeito e remontado nos ares, desfolha as arvores, e destróe os fructos em germen. Aparecendo periodicamente, os bizouros vem, como uma praga, como um exercito, ás vezes, que faz o mal que póde, sem que contra elle nos saibamos dar a conselho. — *J. dos C. Usuaes (J. Dolfus).*



A NEPENTHES.

TELEMACO, inquieto com a falta de noticias de seu pae, deliberou-se a procurar Nestor, que tambem nenhuma lhe póde dar. Continuando sua viagem, foi-se a casa de Menelau, onde a formosa Helena o recebeu com affectuosa hospitalidade. Compadecida esta princeza da afflicção do mancebo, ministrou-lhe no vinho uma planta, que enxugava lagrymas, acalmava a colera, e dissipava os desgostos a qualquer que a provava com effeito immediato. A planta maravilhosa fôra dada a Helena pela mulher de Theonis, rei do Egypto. Todos os hospedes que se achavam com o moço Telemaco beberam da mesma infusão, e para logo experimentaram os seus beneficios. Homero, que assim o conta no 4.º livro da Odysea, dá a esta planta o nome de *nepenthes*, que exprime litteralmente a virtude que lhe attribuiam; porque é composta de duas palavras gregas, uma das quaes é particula negativa, e a outra significa *dôr*, *tristeza*, *afflicção*.

Varios auctores antigos deram tratos ao juizo para saberem o que era a *nepenthes*. Theophrasto e Plinio dizem que era uma planta originaria do Egypto, cujas virtudes Homero, com privilegio de poeta, exaggerára. Diodoro refere que no seu tempo, isto é, no de Augusto Cesar, as mulheres de Thebas se jactavam de serem as unicas que possuiam a receita da bella Helena para desterrar a melancolia; e acrescenta que a empregavam com feliz successo. Por outra parte Plutarco, Atheneu, e Philostrato querem que a *nepenthes* não fosse senão a en-

cantadora conversação de Helena, e que os contos recreativos com que entretinha seus hospedes, tinham poder de sopitar as magoas no coração dos afflictos. Alguns eruditos modernos também escolheram a nepenthes para objecto de suas investigações e hypotheses; e custam a acreditar os excessos a que se atreveu a imaginação em demanda da receita da linda esposa de Menelau. Outros, mais rasoaveis, consideraram que a nepenthes não era senão o opio dos orientaes. M.^{me} Dacier encostou-se, e a nosso ver com fundamento, á opinião de Plutarco. Resulta portanto que com toda a justiça deve entrar para o catalogo das fabulas, que em tão grande numero nos vieram da antiguidade, a existencia da nepenthes, consoladora dos afflictos.

Todavia não podiam os naturalistas escolher um nome mais conveniente para a flôr curiosa, que apresentamos na gravura acima, e que é uma das maravilhas da Índia. A especie de urna, em que rematam as folhas, é um dos bellos phenomenos da vegetação; e por isso causa admiração a todos os viajantes. Esta urna tapada com o operculo, que a defende, está de ordinario cheia de certa agua doce e limpida. Abre durante o dia, e a agua então diminue mais de metade; porém a perda repara-se de noite, de fórma que no outro dia a urna, de novo cheia, está outra vez cuberta com a sua tampa: é o provimento da flôr para um dia e até para mais, porquanto ao chegar da noite fica sempre metade do liquido. Muitas especies de tenuissimos vermes nadam, vivem, e morrem naquella agua.

Os habitantes das serranias, onde a planta cresce, teem a seu respeito idéas singularmente supersticiosas: pensam que se cortarem as urnas, ou entornarem a agua, não deixará de chover nesse dia; por isso evitam esta mutilação quando se receiam da chuva. Ao contrario, se atura muito a sêcca, correm a decepar as urnas das nepenthes, e a entornar-lhes o liquido, na persuasão de que não fallará a chuva. Creem os mesmos montanhezes que não ha melhor meio, para as creanças não ourinarem involuntariamente na cama, do que vasar-lhes daquella agua por cima das cabeças, ou dar-lh'a a beber: este remedio consideram também efficaz para equal relaxação nos adultos.

A raiz da nepenthes da India é tida em conta de adstringente; e as folhas são dotadas da propriedade de refrigerar e humedecer. Extrahese da planta um licor distillado, que se emprega interiormente nas febres ardentes, e externamente nas erysipelas, e em geral em todas as inflammções da pelle.

VIAGEM DO CAPITÃO BACK AO POLO.

Nos fins do anno passado, e principio deste, démos um extracto da curiosa viagem do capitão Bragg ao polo: para completar aquella noticia daremos agora outra resumida da mais recente navegação aos mares polares, concluída no anno de 1837.

A 22 de Junho de 1836 o navio da marinha real britannica, *Terror*, capitaneado pelo capitão Back, partiu da altura das Orcades, endireitando a proa para o cabo Farewell, na extremidade Nordeste da Groenlandia. Assim navegaram até 29 de Julho, em que, entrados já nos mares arcticos, a rapida descensão do thermometro lhes fez esperar brevemente a neve, e, com effeito, no dia seguinte encontraram grandes mólés de gêlo, uma das quaes tinha 300 pés d'altura. No dia 30 entraram em um canal entre os gêlos, a todo o panno, e, como o mar estava sereno, seguiram ávante seu caminho sem difficuldade;

mas no dia seguinte a neve estava mais compacta, e a 2 de Agosto não poderam ir mais adiante, achando-se totalmente fechados. Uma grande montanha de gêlo, que distava obra d'um quarto de milha do navio, perdeu o equilibrio sobre a agua, e antes que assentasse sobre a base, balouçou-se tão espantosamente, que os navegantes conheceram bem de quão grande perigo tinham escapado em estar longe della. Um pequeno esteiro que se abriu no gêlo, deixou ir o navio um pouco ávante, mas brevemente parou outra vez a viagem, e o navio deitou um ancorote a um monte de gêlo, observando, todavia, cuidadosamente se elle começava a mover-se de roda, e tendo vindo outra móle dar-lhe uma grande pancada, os marinheiros se prepararam para cortar o cabo do ancorote, com receio de que o monte de gêlo perdesse o balanço. Para não ficarem de todo entalados entre os gêlos, para o meio dos quaes os arrastava a móle a que se tinham amarrado, desafferraram della; mas, tendo trabalhado em balde para continuarem a navegar, deixaram-se de o tentar mais. Um monte de gêlo, com que depois afferraram, os levou para a banda do Sul. No dia 13 houve alguma esperanza de escaparem daquella prisão, mas como o navio ia por entre serras de neve de mais de meia milha de comprido, estas se uniam apenas elle passava. As vezes andavam bastante; outras vezes, porém, tinham de desandar, para o navio não ser esmagado. Com esta enfadonha navegação chegaram no dia 18 a uma solida móle de gêlo, a qual era impossivel romper: via-se reluzir, diz o capitão Back, aquella grande montanha até onde a vista podia alcançar. De novo o singular, e aparentemente caprichoso, character da navegação polar, os deixou seguir viagem; mas no dia 23 tiveram nova interrupção, justamente quando contavam passar os Estreitos Geados (*Frozen Straits*). Se ahí houvesse um caminho, não mais largo que um pequeno esteiro, te-lo-hiam alcançado; porém, exceptuando o espaço de poucas varas á roda do navio, onde delgados fios de agua se viam, semelhantes a riscos de tincta d'escrever lançados sobre uma folha de papel branco, tudo o mais até o horisonte era neve. Grande espanto causava aos navegantes, não o como haviam de sair daquelle cerrado espaço, mas como alli tinham chegado. A 25 a mudança do vento lhes trouxe novas esperanças, e marearam o navio de modo que podesse vencer mais uma ou duas milhas; porém, no meio de embates da neve, que teria despedaçado qualquer navio menos bem construido que o *Terror*, e tendo-se apenas movido tanto como duas vezes o comprimento do navio, o gêlo o tornou a fazer parar. No 1.^o de Setembro o inverno começou de veras, não sendo ainda tempo; porque os anteriores viajantes no principio deste mez tinham achado nestas paragens uma temperatura comparativamente suave. Entendeu o capitão Back que os gêlos não se tinham dividido no anno antecedente, e a difficuldade em que se achava mettido era maior do que se podia antever. Aqui, tão perto do ponto a que desejavam anciosamente chegar, se viam prezos para oito ou nove mezes; e isto os desanimava. Todavia os perigos, que ameaçavam a existencia do navio, os conservava vigilantes e activos. As vezes a embarcação gemia, como se estivesse agonisando entre a pressão da neve; as portas não queriam fechar; a agua transsudava pelas juncturas das madeiras torcidas; e era preciso prepararem-se para qualquer desgraça subita e inesperada. Provisões, e mais objectos necessarios estavam sempre prestes para serem postos em cima do gêlo se o navio fosse a pique. A neve agglomerada em grandes montanhas vinha ap-

proximando-se já para cima do navio; mas no momento da crise mudou o vento, e como por milagre passou o perigo. No géllo que rodeava o navio, a fórma deste estava vasada como em um molde. Sem se atterrem com as difficuldades, os navegantes começaram a abrir com machados um canal no géllo, mas desistiram disso, vendo que os pedaços cortados eram logo substituidos por outros. Passaram então a alargar uma especie de caldeira, em que o navio podesse estar livre do aperto do géllo; e já tinham calculado que a obra estaria prompta em dez dias, quando a 25 de Setembro principiou a partir-se e a fluctuar aquella terrivel móle, e elles foram atoados por um dos pedaços. Todavia o perigo nem por isso cessou. Estando no dia 27, apenas distantes tres milhas da terra, ficou de repente preso outra vez o navio, e em risco de naufragar. Bateu um pedaço de géllo com tanta força contra elle, que o alevantou sete pés e meio fóra da agua por pôpa. “Nisto — diz o capitão Back — veio a dar um mez de incommodo, de baldado trabalho, e de anciedade. O alvo da expedição fugia ao nosso alcance; as occasiões de fazer interessantes experiencias e observações iam passando; e os planos que a tripulação fazia para passar o inverno com alguma especie de commodidade, e para tornar as tristes e largas horas o menos aborridas que fosse possível, iam-se convertendo em fumo. A temperatura cada vez era mais baixa, e o ar mais aspero e cortante. As madeiras rachavam com a contracção causada pelo frio. Nos camarotes dos officiaes, este era abaixo do ponto de géllo, isto é, de um ponto, a que só chegara duas vezes em Inglaterra durante o rigorosissimo inverno do anno antecedente, no ar livre.

Nada havia para que appellar, senão para melhorar o mais que podesse ser aquellas tristes circumstancias, e contrastar alegremente as difficuldades com a resistencia moral. Constava a officialidade e marinagem, ao todo, de sessenta individuos, sendo muitos dos primeiros voluntarios, e a maruja o era, sem exceptuar um só homem. Todos sabiam ler, e só quatro não sabiam escrever. Seis tinham andado em baleeiros da Groenlandia, e alguns haviam servido em navios de guerra. Estes eram os mais sociaveis, e menos cabeçudos. Em geral havia pouca união entre a companhia, o que ás vezes dava grande trabalho ao capitão; mas com as diligencias dos officiaes procuravam ás vezes divertir-se uns com outros, ainda que, se os deixavam sós, tanto andavam por cima da coberta, que corriam risco de lhes gelar algum membro. Não havia, comtudo, nesta marinagem outro defeito, como corporação, senão aquella desharmonia, que necessariamente resulta entre homens que estão acostumados a uma disciplina severa, ajunctando-os com outros que pelos seus habitos e anterior situação não se podem facilmente sujeitar aos bons regulamentos. Ainda assim, porém, era admiravel o seu soffrimento e reportado proceder em tudo o que dizia respeito ao serviço da embarcação.

Os divertimentos que se inventaram para passar o inverno eram destinados não só a beneficiar moralmente a tripulação, mas também physicamente. Preparou-se uma mascarada para o dia 22 de Outubro, debaixo da inspecção de um primeiro-tenente, a qual deu um serão de grande folguedo e alegria, no meio das mais desgraçadas circumstancias em que entes humanos se podiam achar. A 29 de Novembro os officiaes representaram uma comedia, e a marinagem tractou logo depois de fazer também a sua representação. Quando o tempo o permittia occupavam-se seis horas por dia em fazer alguma obra fa-

eil no géllo. Edificavam muros de neve e gallerias, que do navio se dirigiam para varios lados; e durante algum tempo, officiaes e maruja, tudo jogava a pélla. Estes jogos e exercicios recreavam o animo, e contribuían para a conservação da saude. Nada que para isso podesse servir se ommittia; e até com um balouço, que se armou no gurutuz, houve grande occupação, em quanto durou a novidade. A situação do capitão Back era, talvez, a menos de invejar; posto que elle tinha a consolação de saber que se tinha feito o que era possível para o bom successo da empresa. O que, porém, excessivamente o magoou foi o não poder fazer certas experiencias magneticas mui importantes.

A 12 de Dezembro achou-se que o frio era oito gráus maior que o da neve; e um marinheiro tendo caído casualmente na agua, experimentou uma sensação agradável, em consequencia de ella estar mais quente 15 gráus que o ar. Os dias eram ás vezes tão frios, que a tripulação não podia fazer os seus exercicios ao ar livre; e certa noite foi tão intenso, que um individuo indo de um lado do navio para o outro, ficou com as faces geladas, tão rapida foi a perda do calor, em consequencia do contacto do ar. Chegou a ponto de se atravessar uma táboa com uma balla de pistola feita de mercurio gelado. Quando na narração da viagem se falla de ter abrandado muito o frio, diz-se que *subiu* a zero. O sol não appareceu durante 12 dias; e foi necessario arranjar um enxugadouro dentro do navio para remediar as consequencias da humidade: todos eram obrigados a mudar ahí de roupa, quando vinham de fóra.

(Concluir-se-ha).

SEPULCHROS DE GIGANTES E DE ANÕES.

Nas visinhanças do rio Verde, no Kentucky, existem cavernas immensas, cubertas com um banco de pedra quasi horisontal. Debaixo desta abobada natural tem-se entrado por espaço de *duas milhas* com carretas puxadas por cavallos para levar o salitre que ahí se prepara. Um viajante, Mr. Ward, passando por algumas aberturas mais estreitas, andou obra de *dez milhas* inglezas. Em uma destas cavernas achou-se, no anno de 1819, o esqueleto de uma mulher de *seis pés* de altura. O esqueleto estava encerrado em uma especie de cella, feita de quatro la gens de pedra calcarea, ás quaes outra servia de tecto. Estava encolhida com os joelhos á boca; sobre o craneo tinha uma especie de coroa; e o corpo estava involto em tiras de panno.

Por outra parte, nesse mesmo anno, os jornaes americanos noticiaram o descubrimento d'um cemiterio nas margens do Ouachita, no qual se achou um grande numero de esqueletos de homens de idade madura, como se via dos dentes, e que apenas teriam quatro pés d'altura.

É pena que os americanos sejam tão pouco miudos nas suas observações. Mas visto que se não póde negar a existencia dos patagões, nem a dos habitantes das ilhas de Licou-Kieou, nenhuma boa razão ha para negar que possam ter existido outras raças de grande corpulencia, ou de mui pequenos corpos. — *N. Ann. des Voyages.*

NOTAVEL CASCATA NA NORUEGA.

ACREDITOU-SE por muito tempo que as mais altas montanhas da Europa eram na Noruega; mas as observações de Mr. de Buch, de Mr. Wahleuberg,

e de muitos outros eruditos, nos revelaram que a sua elevação bem longe de exceder a dos Alpes, pouco mais era da metade dos principaes pincaros das cordilheiras alpinas. Mas, se a Noruega tem de ceder a honra de possuir as mais altas montanhas do continente europeu, póde, ao menos, gloriar-se de ter no seu seio a catadupa maior e mais notavel, que existe, porque leva em grande parte vantagem ás do Rheno, perto de Schafhouse, e do Niágara, na America Septentrional. Haverá 26 ou 27 annos que ella foi descuberta pelo professor Esmark. Como está situada muito pelo sertão dentro, e como, além disso, poucos viajantes, levados pela curiosidade, ou pelo desejo de fazer observações, visitam tão agrestes provincias, não é d'espantar que não fosse conhecida mais cedo. Existe no Tellemark, e chama-se na lingua do paiz *Riukan Fossen*, isto é, queda d'agua fumegante, denominação, que, segundo parece, lhe vem do immenso nevoeiro de vapores formados pelas gotas d'agua em evaporação, que se parecem com o fumo. — Schow a viu, em 1812, com tres viajantes mais. “Posto que então fosse estio, diz elle, tempo em que esta cascata não vae tão caudal, como na primavera, em que as neves se derretem, este magnifico espectáculo da natureza, na verdade estupendo, nos imprimiu no animo espanto travado do que era de terror. Este immenso lençol d'agua é, a bem dizer, composto de tres catadupas, duas em planos inclinados, cada uma das quaes faria de per si uma cascata tal que poucas haveria que com ella se podessem comparar. Emfim a ultima catadupa precipita-se perpendicularmente. Conforme as medidas tomadas por Esmark a ultima queda é d'oitocentos pés de altura. Ordinariamente as catadupas muito altas teem um volume de agua pouco avultado, e pelo contrario, aquellas que trazem grande corrente, como as do Niágara e do Rheno, não tem altura desmarcada; o *Riukan Fossen*, porém, reúne um volume d'agua immenso a uma elevação prodigiosa. Aquella grande quantidade d'agua vem do *Maanelv*, rio caudaloso, que, perto da catadupa, desagua no lago *Miosen*, ou *Miosvatten*, o qual tem de comprimento oito ou dez milhas.

INGRATIDÃO DE UM JUDEU.

OS FLORENTINOS teem um proverbio “*não faças bem; não te succederá mal*” por certo execravel, e inteiramente opposto ao nosso “*faça bem; não cates a quem*”: todavia há desgraçadamente muitos casos que mais nos persuadem á immoralidade do dictado italiano, que á generosidade e nobreza do portuguez. O seguinte acontecimento, narrado por *Martinelli* na *Historia critica da vida civil*, é justamente um desses casos.

Um judeu de Amsterdam tinha sido condemnado a rodarem-no vivo, e a odiosidade do seu crime era tal, que devia ser deixado na roda, sem lhe darem a pancada mortal nos peitos, com que se acabavam os sentenciados a este horrivel supplicio. Durante a noute, o soldado que estava de guarda a elle, crendo-o morto, largou o seu posto, e um cirurgião levou o corpo, com o intento de fazer nelle uma dissecação. Quando o examinou em casa, achou que ainda dava alguns signaes de vida, e, enchendo-se de compaixão, fez quanto póde para o restituir á vida; e com effeito o judeu foi-se pouco a pouco restabelecendo. Faltando o cadaver os magistrados da cidade prometteram premios a quem descobrisse a pessoa que escondera o corpo do malfetor; isto fez com que o cirurgião tivesse o homem escondido, até lhe restituir

inteiramente o uso dos membros. Assim que o viu são, disse-lhe que fugisse immediatamente daquelle paiz, para se salvar a si, e a elle que o restituira á vida; mas o judeu, sabendo da somma que se offerecera a quem revelasse este segredo, saiu, e foi accusar aquelle mesmo que o tinha salvado das garras da morte. Os magistrados, porém, cheios de horror por tão monstruosa ingratição e perfidia, avisaram o cirurgião de que seria conveniente que saísse por algum tempo da cidade, e condemnaram o execravel denunciante a ser outra vez rodado, visto ter escapado da primeira.

A TULIPA DO VICE-REI.

A TULIPA nasce espontaneamente em muitas partes, no oriente, e parece que começou a ser conhecida na Italia e na Alemanha pelo meiado do seculo 16, havendo sido trazidas de Constantinopola as sementes della. Conhecida a planta, os mercadores hollandezes, e a fidalguia de Vienna, principiaram a mandar buscar áquella cidade as suas raizes e semente.

Logo depois, a tulipomania, como lhe chamaram, cresceu ao ultimo ponto, havendo subido extraordinariamente o preço de algumas especies desta flôr. Tal mania se dilatou, mais que em parte nenhuma, pelos Paizes-Baixos. Havia uma casta particular, chamada tulipa do Vice-rei, pela qual se chegaram a pagar grossas sommas, e d'entre outras memorias curiosas que a este respeito se conservam transcreveremos aqui o custo em generos, que se pagou só por uma raiz destas.

Duas medidas de trigo avaliadas em	448 florins.
Quatro dietas de sevada	558 „
Quatro bois gordos	480 „
Oito cevados	240 „
Doze bons carneiros	120 „
Dois barris de vinho.	70 „
Quatro pipas de cerveja	32 „
Duas dietas de manteiga	192 „
Mil libras de queijo	120 „
Uma cama completa.	100 „
Um vestuario completo	30 „
Um copo de prata	60 „
Total	2:500 „

Mas ainda houve mais do que isto: uma raiz da especie a que chamavam almirante *Liefken* vendeuse por 4:400 florins: da especie chamada *Semper Augustus* havia uma vez só duas raizes á venda, uma em Amsterdam, outra em Haarlem. Por uma dellas offereceu certo individuo 4:600 florins, juntamente com uma carruagem nova e dois cavallos baios, completamente arreados: a outra vendeuse por 12 geiras de terra.

O REI que se governa com verdadeiras leis, mas que não sejam mais que as da natureza, ha-de presumir, que, até o que possui não é seu, e que lhe é dado para conservar seus vassallos, e que se o defraudar, fóra do bem commum, com gastos superfluos, que poderá commetter nisso crime, a que se dê o nome de furto. — *Arte de Furtar*.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISEOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.